

INSTITUTO

 Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte JT

Data 8/11/96 Pg 24

Class. 53

A Vale e o Brasil

Mauro Santayana

O que espanta, nos processos de privatização do controle acionário das empresas de economia mista, é a falta de critérios claros e precisos. Começamos pela escolha das empresas a serem alienadas. Por que deve o Estado desfazer-se de sua administração? Se se trata de atividade industrial comum, que depende do mercado normal, não há razões para a presença do poder público, a não ser em regime socialista. O fabricante de sapatos compra couro, sola e pregos de outros industriais; contrata mão-de-obra, forma equipe de vendedores. Esta é uma atividade normal, que depende do mercado normal. Será a mesma coisa quando se encontram envolvidos bens comuns da sociedade nacional?

A Companhia Vale do Rio Doce, que os economistas do governo querem vender no ano que vem, é o exemplo mais completo da insensatez dos tecnocratas. Na história da Vale do Rio Doce, mais do que mesmo na história da Petrobrás, se manifesta a resistência política nacional, revela-se a capacidade empresarial dos brasileiros e o sentimento de solidariedade da comunidade. Se todos conhecessem a sua origem (a começar pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, que do Brasil conhece pouco) ninguém proporia a sua alienação.

A história começa com a descoberta das vastas jazidas de Itabira, feita por um técnico do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, o geólogo Gonzaga de Cam-

pos, formado em Ouro Preto — e em 1907. Imediatamente sobre as jazidas caiu a cobiça estrangeira. Um engenheiro inglês, Murley Cotto, da Cia. City, de São Paulo, apareceu em Itabira, para caçar. Caçar não se sabe bem o que, naqueles picos ferríferos e descalvados, e conhecer, com Gonzaga de Campos, o valor dos depósitos. Ao saber que tinham menos de 0,02% de teor de enxofre, não perdeu tempo: por 200 contos adquiriu o direito de opção de compra sobre milhares e milhares de alqueires geométricos da área. Naquele tempo, antes do Código de Minas, o pro-

empresa. Vargas, apesar da pressão de Farquhar e de seus sócios brasileiros, foi dilatando sua decisão, até que a iminência da guerra facilitou a sua política nacionalista.

Iniciada a guerra, os ingleses e norte-americanos a supunham longa. Era necessário garantir o suprimento de matérias-primas básicas — e guerra, desde que o mundo é mundo, se faz com ferro. Depois de muitas conversações diplomáticas, representantes do Brasil, da Inglaterra e dos Estados Unidos se reuniram em Washington e, no dia 3 de março de 1942, foram assinados os Acordos de Washing-

ton. Por ele, o Brasil obteria financiamento para a adaptação da Vitória a Minas ao transporte pesado de minérios e a constituição da Companhia Vale do Rio Doce, com o Eximbank, a ser pago com minérios. De sua parte, a Inglaterra assumiu o compromisso de indenizar os acionistas ingleses da *Itabira Iron*. Convencionou-se, então, que a empresa seria inteiramente brasileira. O governo reservou para a União o controle acionário, e as ações restantes foram vendidas diretamente ao público. Incorporador e primeiro presidente da empresa, Israel Pinheiro saiu

pelos ruas de Belo Horizonte, do Rio e de São Paulo com a lista de subscrição no bolso. Os investidores maiores, que acreditavam no Brasil, ficaram ricos.

A empresa foi oficialmente instalada em janeiro de 1943, com a eleição de sua primeira diretoria, constituída de três diretores brasileiros e dois diretores técnicos, norte-americanos. Convém lembrar que, se o presidente era o civil Israel Pinheiro, o general Horta Barbosa, um dos grandes chefes militares deste século, ocupava uma das diretorias.

Este é um resumo da história, para os que não a conhecem. Quanto à atualidade, basta perguntar quanto valem as instalações da Vale, suas duas longas ferrovias (por sinal as mais bem administradas do País), seus portos, seus navios. E mais do que isso: quanto valem as suas jazidas? Ainda agora, tentaram esconder da opinião pública a descoberta de promissor veio aurífero, com a estimativa de 400 t de ouro. A US\$ 12 por grama, só essas jazidas valem US\$ 4,8 bilhões, mais ou menos o que espera o BNDES receber pela venda do controle acionário da empresa — isso sem falar no resto.

É difícil acreditar que queiram fazer esse tipo de negócio no Brasil. Na China, desde 1949, já não o fazem mais.

É DIFÍCIL ACREDITAR QUE
QUEIRAM FAZER NO BRASIL
UM TIPO DE NEGÓCIO COMO
A VENDA DA VALE DO RIO DOCE

prietário do solo era também proprietário do subsolo. Cotto procurou associados em Londres, entrou em contato com o engenheiro Pedro Nolasco, proprietário da Estrada de Ferro Vitória a Minas, que se encontrava em construção — indispensável para o transporte do minério —, e, poucos anos depois, entrava no assunto o sr. Percival Farquhar, com a constituição da *Itabira Iron*. Como, naquela época, os Estados dispunham de relativa autonomia fiscal, os sucessivos governos de Minas, mediante uma política tributária protecionista, impediram o funcionamento da

empresa. Vargas, apesar da pressão de Farquhar e de seus sócios brasileiros, foi dilatando sua decisão, até que a iminência da guerra facilitou a sua política nacionalista.

Mauro Santayana
é jornalista